

A MEDIAÇÃO NO TABULEIRO: “CORTEM-LHE A CABEÇA!” – REFLEXÕES EM TORNO DA ESCRITA EPISTOLAR MACHADIANA¹

Maria Cristina Ribas

PUC-Rio

Pesquisadora da Academia Brasileira de Letras

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Ferreira

“O corpo, sujeito ao olhar alheio, amarelece como a pele, encarquilha, range e se róí, mas não se oferece em suplício. Ao contrário, revigora-se ao tornar-se visível no abatimento, ao narrar os cuidados de si”. MARIA HELENA WERNECK²

Na América Latina, padecemos de uma modernidade excludente, uma modernidade órfã – sem *mother* nem *dad* – e, afirma Carlos Fuentes, nos empenhamos em conquistar uma modernidade includente, com pais e mães, que abrange, de maneira complexa, tudo o que fomos e somos: filhos de *La Mancha*, parte da impureza mestiça que hoje se difunde globalmente para criar uma narrativa múltipla.

Costa Lima lembra que, ao entrarmos na história, o Ocidente já não vivia no tempo mítico, mas no das nações conquistadoras, ao que teríamos *optado* pelo “esquecimento” da proveniência e nos tornado órfãos. “*Não temos legado, herança ou tradição; ao começarmos, a terra é outra vez virgem, marco zero – tudo em nós e de nós principia.*”³ A orfandade da cultura brasileira é uma nota desconhecida na nossa formação, o que, obviamente, vai ensejar uma dissonância na composição dos nossos discursos fundadores - ficcionais e não ficcionais -, porque representa o irregular processo de percepção de si mesmo e do *entorno*.

Na esteira de Costa Lima, a mensagem de Carlos Fuentes⁴ propõe reafirmar a tradição de uma *letra* que se reinaugura não a cada geração, mas a cada nova leitura, e cuja força reside,

¹ Este trabalho faz parte da Pesquisa que está sendo desenvolvida por mim, Maria Cristina Ribas, no Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, Arquivo Machado de Assis, em convênio da ABL com a FAPERJ. A pesquisa parte de documentos originais manuscritos por Machado e todos os trechos aqui citados tiveram a grafia atualizada.

² WERNECK, Maria Helena. “‘Veja como ando grego, meu amigo.’ Os cuidados de si na escrita machadiana.” In: *Prezado senhor, Prezada senhora*. Org. Walnice n. Galvão e Nadia B. Gotlib. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 200. p. 141.

³ LIMA, Luiz Costa. *Dispersa Demanda. Ensaios sobre Literatura e Teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.p.30.

⁴ FUENTES, Carlos. “Machado de La Mancha”. In: *Folha de São Paulo. Mais!* 1º. out 2000.Publicado originalmente na Revista Quimera, trad. Sergio Molina.

com Roberto Corrêa, em “desconfiar que o sentido pode ser sempre outro.”⁵ .Com relação à obra machadiana, a tese de Josué Montello⁶, no livro *Memórias Póstumas de Machado de Assis*, é que as memórias jamais escritas por Machado estão dispersas em sua obra, ao longo das crônicas, contos, romances, poemas e... cartas. Acrescento: considerando o biógrafo herdeiro do biografado⁷, e sendo Machado seu próprio biógrafo - sem explicitamente *sê-lo* -, ele estabelece, com este jogo, seu próprio *selo* de herdeiro ou mediador de si mesmo. O bruxo chama a atenção para o seu próprio *corpo*, ficcionaliza-se numa hipócrita unidade, o que se estende aos textos ditos não ficcionais –cartas , crônicas e críticas -. Vamos agora direcionar nosso olhar para as *letras* machadianas. Seriam “mediações”? Pensemos juntos.

Em **O ideal do crítico**⁸, ensaio de 1865, Machado refaz o perfil do mediador. Inicialmente afirma que é preciso algo mais que simplesmente falar à multidão, enumera as virtudes da crítica e, em seguida, faz uma distinção entre a crítica estéril e a fecunda. Enquanto a primeira não reflete nem discute, abate por mero capricho e levanta por vaidade, a segunda tem a função de animar, estimular, guiar os estreantes e corrigir os talentos fortes – isso tudo, escreve Machado, apesar das “*dificuldades ao se exercer a atividade crítica em um país em que os julgamentos literários são quase feitos em função da amizade e do compadrio*”⁹.

Machado procurou também compreender a identidade da literatura brasileira, talvez reforçando a sua própria identidade *manchada*. Como se sabe, a concepção machadiana acerca do que chamou “Instinto de Nacionalidade”¹⁰ valoriza o geral desejo de se criar uma literatura mais independente e de logo reconhecer espírito nacional nas obras que tratam de assunto local. Para Machado, porém, um poeta *não* é nacional “só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais.”¹¹

Sobre a nova geração, em ensaio homônimo, Machado conhece, assimila, mas não se identifica plenamente com as correntes científico-filosóficas que marcam a sua época. Afirma

⁵ SANTOS, Roberto Corrêa dos. “O convite ao método”. In: *Para uma teoria da interpretação: semiologia, literatura e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

⁶ MONTELLO, Josué. *Memórias Póstumas de Machado de Assis*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

⁷ CARDOSO, Marília Rothier. “Retorno à biografia”. In: *Literatura e Mídia*. (Org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik S.). Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Ed. Loyola, 2002. p.116.

⁸ ASSIS, J.M. Machado de “Crítica”. In: *Obra Completa*. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.pp.798-801.

⁹ FARIA, João Roberto. “Alencar e Machado : breve diálogo epistolar”. In: *Prezado senhor, Prezada senhora*. Org. Walnice Nogueira Galvão e Nadia Batella Gotlib..São Paulo: Companhia das Letras, 2000.pp.129-45.

¹⁰ ASSIS, J.M. Machado de. “Notícia da Atual Literatura Brasileira, Instinto de Nacionalidade.”(24 mar 1873). In: *Crítica. Obra Completa*. (org. Afrânio Coutinho). Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.pp.801-9.

¹¹ Id.ibid.

que “A revolução foi parca de idéias, o Positivismo está acabado como sistema, o Socialismo não tem sequer o sentido altamente filosófico do Positivismo, o Romantismo transformado é uma fórmula vã, finalmente o idealismo metafísico equivale aos sonhos de um histérico...”¹². E mais adiante, conclui que o Realismo é “A bandeira mais frágil de todas, porque é a negação mesma do princípio da Arte.”¹³ Compreensão e não engajamento podem resumir a política machadiana - independente e marcada por forte eixo individual - mas jamais a-histórico.

Se, portanto, como crítico e ensaísta Machado mediatiza *a si próprio*, nas crônicas a estratégia ganha mais nitidez. Segundo Gustavo Corção¹⁴, as crônicas machadianas pertencem à espécie em que os fatos não valem por si mesmos. Para marcar a sua independência, o autor não se cansa de repetir a preferência pelos acontecimentos miúdos, além de não compreender a história como uma sequência de fatos. Antes, bem antes, a entende como “verbo feito livro”¹⁵, captados na obliquidade de seu foco míope, nos olhos que se apertam para enxergar. E reconhece a força da mídia impressa, dizendo que: “o jornal é a verdadeira forma da república do pensamento, a locomotiva individual em viagem para mundos desconhecidos, a literatura comum, democrática, que leva em si a frescura das idéias e o afago das convicções.”¹⁶

O cronista, em fins do séc. XIX, vai compondo uma história contada por ele *como se fosse* vista e ouvida pelo próprio público-leitor. O leitor se torna testemunho vivo do que não viu. Os pontos de vista se misturam, constituem “pontos *de vistas*” . A miopia do olhar desobriga o autor à nitidez das imagens focalizadas. Ele as conforma a si.

As crônicas intituladas *Bons dias!* são famosas pela série em torno da abolição da escravatura em que o cronista ‘media’ um olhar bastante singular sobre o contexto que sacudia o período a partir da crise da monarquia. A busca da cumplicidade com o leitor, que amplia, sobretudo nos romances, a tradição da ambigüidade baudelairiana – *Hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère*¹⁷, - vai gerar uma *identificação assustada* dos associados – leitores/Machado - no pacto de leitura. O público assimila as imagens e não apenas *observa*, mas

¹² ASSIS, Machado de. “A nova Geração”. (1º.dez.1879) *Crítica. Obra Completa*. (org. Afrânio Coutinho). Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.pp.809-36.

¹³ Idibid, pp. 812-13.

¹⁴ CURÇÃO, Gustavo. “Machado de Assis cronista.” In. Idibid. p. 328.

¹⁵ ASSIS, Machado de. “A reforma pelo jornal”, 23-10-1859. Crônica recolhida em *Miscelânea*. In: *Obra Completa*. Crônica. Vol.III. p. 963.

¹⁶ Id.ibid.. “O jornal e o livro”. Crônica recolhida em *Miscelânea* Publicada originalmente no *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro: 10-12/01/1859. pp.943-5.

¹⁷ Último verso do poema “Au Lecteur”. In: BAUDELAIRE, Charles. *Flores do Mal*. (trad. Ivan Junqueira) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

absorve o olhar do cronista, tornando-o seu. O mediador cumpre com tal intensidade a sua função de *intermezzo* que o leitor não o percebe como mediador, senão como a própria voz, uma espécie de alter ego licenciado.

A mídia impressa deixa na escrita machadiana forte legado: uma interferência simplificadora na crítica e na linguagem literária, no sentido de “evitar os colarinhos do estilo grave” e os “punhos de renda”, o “helenismo decorativo”, o culto à auditividade¹⁸, como explicita Luiz Costa Lima. Machado desprezava o “helenismo decorativo” herdado ao púlpito e à tribuna e tão presente no discurso literário brasileiro até inícios do séc. XX.¹⁹

A oralidade herdada à prática jornalística, ao contrário, o torna mais íntimo do leitor, o faz desenvolver estratégias de simplificação e ironia que compõem a tradição da literatura *manchada*, tornando-a singular. E é esta tradição do *cronista* que *toma corpo* – no sentido literal e metafórico – no *missivista*.

No belo ensaio já citado sobre os cuidados de si na correspondência machadiana, Maria Helena Werneck²⁰ lembra que, nas cartas, Machado sempre receita o melhor remédio para os amigos – repouso e arte –, ao que acrescento: sobretudo quando acometidos das freqüentes crises de tédio e vazio que fragilizavam o sujeito e não raramente apareciam sob forma de doenças físicas, tais como: retinite, tuberculose, epilepsia e todas as complicações advindas desta última, tais como problemas intestinais, aftas, úlceras e outras. O escritor, da mesma forma que os autores de *Madame Bovary* e de *Guerra e Paz*, tinha o pudor de seu mal. E ao amigo **Lucio de Mandonça**, que indiscretamente lhe notara, um dia, o embaraço da dicção, proveniente do edema da língua lacerada por mordeduras nos achaques convulsos dos maxilares, explicava, em **carta de 11-5-1900**: “A razão era estar com aftas, que me mortificavam e impediam de comer.” O que se verifica nas cartas é que, “*progressivamente, o olhar que vem do correspondente, cola-se à escrita do conselheiro, empurrando o olho de quem escreve para si próprio.*”²¹

As **cartas de Machado a Mario Alencar**, filho de José de Alencar, são um precioso documento psicológico, pois Machado lhe contava os pormenores mais mórbidos de seu estado íntimo. No ano de 1908, ele retribui ao jovem amigo o apoio dado por ocasião da morte de

¹⁸ LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos*. (Dispersa Demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

¹⁹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p.102 ss.

²⁰ WERNECK, Maria Helena. “‘Veja como ando grego, meu amigo.’ Os cuidados de si na correspondência machadiana.” In: *Prezado senhor, Prezada senhora*. Org. Walnice n. Galvão e Nadia B. Gotlib. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000. pp. 137-145.

²¹ Id. *ibid.* p. 141.

Carolina. Mario, então, sentia-se doente dos nervos e bastante deprimido. Leio alguns trechos de correspondências ²² :

Machado a Mario de Alencar:

11-4-1907: “*Eu, que tenho mais direito a enfermidades, não lhe digo senão que as vou espiando com olhos cansados. O muito trabalho destes últimos dias tem-me trazido alguns fenômenos nervosos.*”

Machado a José Veríssimo :[crítico da geração de 1870]

31-1-1904: “*A letra vai um pouco trêmula, mas os beiços ficam menos arrebatados. Veladamente queria dizer que acabo de sair de uma febre que me trouxe de cama alguns dias.*”

Em carta de 2/4/1895 ²³, a Magalhães de Azeredo, Machado fala da dispepsia nervosa e cita que padeceu de uma retinite, motivo pelo qual ficou proibido de ler durante longas semanas, relatando que foi a mulher quem lia para ele e acabou ficando como secretária, pois ditou a ela a maior parte de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. E em 3/9/1895 faz uma reflexão preciosa sobre o mal daquele século - o tédio, *l'ennui*, *spleen* – e que, na vida íntima dos missivistas, os acometia a todos.

“... essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime e para tudo o inutiliza/.../ isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre; também eu não o sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal, a arte é um bom refúgio, perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna.”

O apoio epistolar traduz-se, portanto, em demonstrações explícitas de afeto, unindo os missivistas numa confraria de artistas sofredores. É este amálgama afetivo que os vincula e lhes suaviza as dores, ao mesmo tempo em que preenche os recorrentes e declarados vazios. A frequência das cartas, o vínculo entre os poetas, a assumida idéia de salvação pelas musas, tudo compõe uma ode à permanência, a uma forte compensação do sujeito que cuida de si. Retomando Maria Helena Werneck, “ *O corpo ameaçado coloca em risco a produção artística, mas, em sentido contrário, pode nutrir-se da fraqueza para constituir sua soberania.*”²⁴

²² A linguagem das cartas está atualizada de acordo com a norma vigente hoje.

²³ As cartas de Machado de Assis para os acadêmicos integram o Acervo do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, documentos examinados por nós nesta pesquisa.

²⁴ WERNECK, Maria Helena. Cf.. nota 20. p.141.

Em **carta ao amigo Magalhães de Azeredo (14/1/1984)**, documento valioso, Machado oferece uma série de conselhos: (1) começa pelo trabalho de criação literária, valorizando o esforço em detrimento da inspiração fácil e inconsciente. Exemplo:

*...nada mais verdadeiro que aconselhar o trabalho à mocidade./.../ queixa-se do **spleen**; me é certamente um estado moral, que se não há de evitar sempre nem absolutamente;/.../ Não deixe o seu talento adoecer de preguiça, embora o descanso seja também necessário, e valha mais a obra perfeitamente gerada, ainda que tardia, que a freqüente e de aborto.(gr. nossos) /.../ ;*

(2) passa por orientações psicológicas e espirituais para que o amigo cuide de si:

Quero dar-lhe ainda outro conselho; /.../ Não duvide de si. Receio muito que este sentimento lhe ate as asas./.../ Não descreia das musas; /.../ A educação do seu espírito acentuou-lhe as qualidades naturais. Há nele seriedade, coisa que não distingue a cor alegre da juventude, e tem a vantagem de o poupá-lo da nota frívola./.../ ;

E finalmente (3) faz uma reflexão sobre a pessoa epistolar e a pessoa do autor. Assim: “*manda-me em troca alguns versos, se os houver e, se não,[mande-me] a sua boa pessoa epistolar, que é a própria pessoa do autor.*” Conclui a carta relatando, com o próprio exemplo, o valor que dá ao trabalho, mesmo o burocrático: “*Adeus. Vou abrir a porta da secretaria, apesar de domingo, e dar-me a negócios administrativos.*” Ou seja, puxa de novo o olhar do correspondente para o seu próprio corpo.

Machado, portanto, tece com seus interlocutores uma rede de mutuidades que se auto-sustentam na própria trama epistolar. A correspondência machadiana é o grito do *viajante imóvel*, na expressão de Luciano Trigo²⁵, e expressa a vontade de inteligência aprisionada num corpo em sofrimento, nas palavras de Maria Helena Werneck. Há, nas cartas, um Machado humanista, ousado dizer, um educador aparentemente autocentrado: ensina o ofício, avalia a produção poética, estimula a parte emocional e reforça a psicológica, orientando os jovens de maneira complexa e se igualando a eles no sofrimento físico e no amor ilimitado pelas *musas* – metáfora da lira, da poesia, da literatura.

²⁵ TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel. Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Como numa *pedagogia do ser*, Machado parte de si e apresenta ao jovem poeta a possibilidade compartilhada de aprender mais e gradualmente sobre si próprio – daí a aparência de autocentramento que mencionei -, mas para que um dia o outro chegue a ter posse mais plena de si mesmo, incorpore o novo, o entorno, sem, no entanto, relegar a rememoração das verdades já sabidas.²⁶ Mas, na maioria das missivas, paira o espectro da doença, o corpo sempre ameaçado, vivendo rigorosamente à beira de um perigo iminente, a vida presa por um fio tênue que simultaneamente a esgarça, reforça e enlaça em *nós*. Viver de morrer.

Machado é escritor sempre. Ainda quando se propõe a não ficcionalizar o mundo da vida – nas crônicas, nas cartas, nas críticas. E mesmo nos romances, que por princípio são textos ficcionais, o que se entrelê são fendas memóricas – inventadas - na superfície da narrativa. Esta aparente inversão forma um quiasma em permanente movimento. Não há como apontar o centro gerador da escrita machadiana a não ser ele mesmo, sendo que este se multiplica em diversas facetas e se autoconstitui um sistema narrativo ora interligado ao mundo da vida, ora desligado de suas questões emblemáticas. Machados que reconhecem, pela parte afetiva, a sua porosidade ante as coisas do mundo, mas que insistem em manter, por tantas outras vezes, a impermeabilidade do órfão que, em ausência da paternidade, precisa se defender e marcar território em nome da sobrevivência. Não há intermediário porque eu sou ele, porque somos eles, numa cadeia de nós...

E o velho bruxo leva a orfandade ao sentido extremo: é órfão e ainda estéril. Sem predecessores ou descendentes, cortou a continuidade e configurou em si a condição mesma da identidade brasileira que, sem tradição ou legado, se reinaugura a cada olhar e media a si própria. Resta-lhe, portanto, reproduzir-se e oferecer-se, pela múltipla inscrição nas folhas das cartas, jornais e livros, àqueles que queiram recolhê-las ou soprá-las para se disseminar no tempo. É quando não querer ter filhos – para não dividir a própria miséria humana – pode apontar para uma outra forma de mudança e permanência²⁷. É quando, peças expostas na superfície do tabuleiro, o cheque-mate é inútil e a guilhotina perdeu a função – simplesmente porque a cabeça não está a prêmio e aliás, sequer há uma cabeça. É quando, Édipo às avessas, não pode haver parricídio... porque não há pai.

²⁶ FOUCAULT, Michel. “A cultura de si”. In: *História da sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

²⁷ Sobre o debate, conferir, RIBAS, Maria Cristina. “O tempo na narrativa machadiana, ou quando a ficção refaz a ciência”. In: *Revista Studi Portoghesi e Brasiliani*, no. 3 (publ. pela editora IEPI, de Piza) org. por Ettore Finazzi-Agrò, Universidade de Roma “La Sapienza”.